

As contendas políticas do intelectual orgânico Miguel de Unamuno

The Political Quarrels of the Organic Intellectual Miguel de Unamuno

Walter Pinto de Oliveira Neto¹

Alexandre Silveira Campos²

Resumo: O presente estudo analisa os duelos ideológicos entre o pensador moderno Miguel de Unamuno e algumas das personalidades autoritárias mais significativas das décadas iniciais do século XX na Espanha. Na primeira parte do trabalho apresentamos as circunstâncias sociais e filosóficas que propiciaram a aparição dos intelectuais modernos na Europa ocidental e posteriormente no território espanhol; na segunda focamos no aspecto orgânico da prática política e intelectual de Don Miguel; e na terceira evidenciamos as contendas entre o pensador de Bilbao e o rei Alfonso XIII, o ditador Primo de Rivera e o líder da brigada militar *Legión*, Millán Astray. Em termos metodológicos adotamos a análise descritiva historiográfica sobre três aspectos: o registro moderno e contemporâneo do período citado, a trajetória jornalística de Unamuno e a trajetória histórica de seus opositores, a fim de fornecer uma perspectiva crítica dos acontecimentos históricos referidos.

Palavras-chave: Miguel de Unamuno; Intelectual orgânico; História política; Modernidade.

Abstract: This study analyses the ideological duels between modern thinker Miguel de Unamuno and some of the most significant authoritarian personalities of the early decades of the 20th century in Spain. In the first part of the work, we present the social and philosophical circumstances that led to the appearance of modern intellectuals in Western Europe and later in Spain; in the second we focus on the organic aspect of Don Miguel's political and intellectual practice; and in the third we highlight the quarrels between the thinker of Bilbao and King Alfonso XIII, the dictator Primo de Rivera and the leader of the military brigade *Legión*, Millán Astray. In methodological terms we adopted a descriptive historiographic analysis on three aspects: the modern and contemporary record of the period mentioned, the journalistic trajectory of Unamuno and the historical trajectory of its opponents, in order to provide a critical perspective of the referred historical events.

Key Words: Miguel de Unamuno; Organic intellectual; Political history; Modernity.

Resumen: El presente estudio analiza los duelos ideológicos entre el pensador moderno Miguel de Unamuno y algunas de las personalidades autoritarias más significativas de las décadas iniciales del siglo XX en España. En la primera parte del trabajo presentamos las circunstancias sociales y filosóficas que propiciaron la aparición de los intelectuales modernos en la Europa occidental y posteriormente en el territorio español; en la segunda focalizamos en el aspecto orgánico de la práctica política e intelectual de Don Miguel; y en la tercera evidenciamos las contiendas entre el pensador de Bilbao y el rey Alfonso XIII, el dictador Primo de Rivera y el líder de la brigada militar *Legión*, Millán Astray. En términos metodológicos adoptamos un análisis descriptivo historiográfico bajo tres aspectos: el registro moderno y contemporáneo del período citado, la trayectoria periodística de Unamuno y la trayectoria histórica de sus opositores, con la finalidad de fornecer una perspectiva descriptiva de los acontecimientos históricos referidos.

Palabras-clave: Miguel de Unamuno; Intelectual orgânico; Historia política; Modernidad.

¹ Graduando em Letras português/espanhol e respectivas Literaturas da UEMA (2016 -). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa TECER (UEMA) e POLIFONIA (UFMA). Bolsista CNPQ pelo projeto intitulado: A anarquia de fazer-se mulher (2019 - 2020). E-mail: walteroliveira16@outlook.com

² Professor Assistente Doutor da UNESP, de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara. Doutor em Letras, Estudos Literários, com tese sobre Literatura Espanhola, UNESP - FCLAr (2012). Membro do Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp (GPS-Unesp). E-mail: campos.profalexandre@gmail.com

Considerações iniciais

O século XIX na Espanha é conhecido como um dos momentos mais agitados da história do país. A invasão napoleônica, a guerra da independência, as guerras carlistas, a sucessão entre o liberalismo e o absolutismo e a perda das colônias ultramarinas para os EUA em 1898 são alguns dos eventos que impediram o progresso na nação nesse período.

Enquanto Inglaterra, França e Alemanha se encontravam imersos num ambicioso projeto de modernização, na Espanha dois grupos antagonicamente ideológicos lutavam entre si, procurando cada um impor seu projeto social. A dualidade entre os tradicionalistas, que defendiam a pátria e a religião católica, e os progressistas, que sustentavam os valores modernos advindos da Europa ocidental, conseguiu criar um maniqueísmo político traduzido em incessantes contendas bélicas.

Com o *desastre do 98*³ no fim do século XIX, agastados de esperar pela aparição de governantes realmente preocupados com a nação, intelectuais de todos os cantos da Espanha se reuniram em prol da ressurreição de um prestígio interno e externo que há muitas décadas se perdera.

Nesse cenário, os intelectuais que tomaram para si a missão de regenerar o país seriam denominados de *regeneracionistas*: sujeitos preocupados em criar propostas pedagógicas, sociológicas, filosóficas, artísticas etc., cuja intenção foi a de aproximar o país à redescoberta da identidade hispânica perdida, assim como ao progresso econômico.

A consciência política e social por partes dos intelectuais *regeneracionistas*, entretanto, expressar-se-ia a partir de convicções e métodos distintos. Assim, formaram-se grupos com propostas específicas em que, apesar das eventuais divergências entre os integrantes dos mesmos, procuraram dialogar entre si para atingir uma unidade heterogênea em aspectos ideológicos e estéticos, e firmes na missão de alcançar a restauração da cultura nacional (ROMERO, 2020, p.13).

A chamada *Geração de 98* foi um desses conjuntos de intelectuais modernos que por erudição cognitiva, influência política e social, talento estético e propostas inovadoras, receberam a atenção do povo espanhol, tanto de modo positivo quanto negativo. O membro mais avançado em idade e o emblema do grupo foi Miguel de Unamuno, cujas propostas contraditórias impedem que se lhe enquadre numa corrente filosófica e/ou ideológica específica.

Desde o nascimento até a morte, a vida de Don Miguel foi impregnada de inúmeras contendas no campo do pensamento. Como bom intelectual moderno, engajou-se, tanto na área do pensamento como da ação, aos acontecimentos mais importantes da sua época, pois se encontrava imerso na vida política e

³ O *Desastre de 98* é um acontecimento histórico que determina um dos pontos álgido do processo de decadência nacional. Os EUA, com apenas esforço militar, consegue fazer sua as colônias ultramarinas pertencentes à Espanha: Cuba, Puerto Rico e Filipinas.

intelectual do seu tempo, assim como em suas matrizes filosóficas e científicas (ROMERO, 2020, p.20). Além disso, valeu-se de quaisquer recursos que tivesse à disposição, principalmente a ironia, para criticar a todo aquele com que antipatizasse.

O autor condenou a muitas e distinguidas personalidades do seu tempo, causando-lhe consequências como a censura e o exílio. Não obstante, em lugar de fazer um panorama geral dos inúmeros duelos discursivos de Don Miguel, neste artigo nos centraremos em alguns poucos indivíduos de relevância histórica, para compreender o período moderno da história espanhola e de Unamuno, sendo estes o rei Alfonso XIII, o ditador Primo de Rivera e o general de guerra Millán Astray, todos eles contra o posicionamento intelectual orgânico de Don Miguel. Antes, traçaremos um arcabouço teórico que explanará o que é o intelectual moderno, quais os tipos de intelectuais modernos e as causas que propiciaram a aparição deles no cenário europeu como um todo e em seguida no espanhol.

Em termos metodológicos e conceituais, adotaremos a perspectiva de críticos e historiadores que centraram seus estudos na modernidade em geral e modernidade espanhola como Berman (1986) e Habermas (2010), Díaz-Rincón (2017), Borzoni (2009), Ouimiette (2013) Rabaté & Rabaté (2010); e artigos, diários e cartas do próprio Unamuno, afim de oferecer um panorama abrangente das disparidades que surgiram entre o intelectual e seus adversários ideológicos nos primeiros anos do século XX.

A aparição dos intelectuais modernos

O Hegel da primeira fase ou o jovem Hegel – como dizem alguns autores⁴ – analisa as características mais marcantes da modernidade e do sujeito moderno. O filósofo alemão, entre algumas variáveis e transfigurações epistemológicas com respeito a épocas pretéritas, encontra um fator inédito no ser humano moderno: a subjetividade.

Com isso, Hegel não está afirmando que a subjetividade não existira no passado, mas que o homem não pôde colocá-la em prática devido a nunca ter sido realmente livre. Ao alcançar a liberdade, inicia-se uma fase histórica – a última, segundo Hegel – em que os homens que não conhecem a independência de pensamento, mas sabem da sua existência, lutarão por conseguí-la; e os que já a conhecem, batalharão por mantê-la e ampliá-la até a máxima potencialidade social e ontológica possível (HABERMAS, 2010, p.28-29).

A liberdade abriu espaço para essa perspectiva mais ampla da subjetividade, que, por sua vez, permitiu o surgimento dos primeiros grupos de pensadores livres. Além da liberdade, outros elementos emancipadores dos intelectuais foram: a conscientização da divisão de classes, o engajamento com a evolução cada vez mais acelerada da ciência, assim como a emancipação de uma consciência crítica e

⁴ Como Habermas em *O discurso filosófico da modernidade* ou Lukács, em *O jovem Hegel*.
Revista Vernáculo n.º 47 – primeiro semestre/2021
ISSN 2317-4021

cultural do homem. Em síntese: “a divisão social do trabalho na Europa moderna [...] produziu uma vasta classe de produtores de cultura e ideias, relativamente independentes. Esses especialistas em artes e ciências, leis e filosofia produziram [...] uma brilhante e dinâmica cultura moderna” (BERMAN, 1986, p.43). Os especialistas aos que Berman se refere são essa categoria de intelectuais.

Podemos então propor as seguintes perguntas: quem são os intelectuais modernos, o que fazem, quais suas obrigações, como operam? Segundo o dicionário especializado,

Ao substantivo Intelectuais podem ser atribuídos dois sentidos principais, aparentemente semelhantes, mas, substancialmente diferentes. Em primeiro lugar, ele designa uma categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e competência, científica, técnica ou administrativa, superior à média, e que compreende aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas [...] uma segunda acepção, mais vulgar na publicidade de atualidade literária e política, para a qual Intelectuais são os escritores “engajados”. Por extensão, o termo se aplica também a artistas, estudiosos, cientistas e, em geral, a quem tem adquirido, com o exercício da cultura, uma autoridade e uma influência nos debates públicos. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1992, p.637).

Na Europa, o conceito de intelectual nasce no século XVIII. Começa a ganhar notoriedade simbólica e pública quando o sujeito, a partir das suas ideias políticas, filosóficas, sociológicas etc, consegue mudar, em maior ou menor medida, a consciência coletiva. Já no século XIX, a maioria das nações da Europa ocidental contava com um número determinado de grandes pensadores, que conseguiram expandir seus escritos e princípios por variados países, para além do contexto intelectual em que nascem e vivem.

Na conjuntura espanhola, o precursor dessa categoria de intelectuais modernos foi José de Larra (1809-1830). Segundo o professor Carlos Serrano, o madrileno foi o primeiro escritor que se valeu da sua influência e talento para “hacer frente al poder y denunciar los males de la sociedad” (2000, p.17)⁵. O posicionamento de Larra contra a maneira em que se fazia política foi de suma importância para a aparição reivindicativa de outros literatos, cronistas e jornalistas que, por medo da repressão monárquica, ocultavam seus descontentamentos nos diferentes veículos de promulgação de ideias em que trabalhavam ou colaboravam esporadicamente.

Não obstante, a aparição desses agitadores de consciências foi breve devido ao grande poder de opressão da realeza espanhola. A nação ibérica só lograria reunir uma leva considerável de intelectuais capazes de desenvolver e colocar em prática seus ideais com relativa liberdade, quando a rainha vigente, Isabel II, pressionada pelo antagonismo popular contra sua gestão, abrandou o sistema de controle e punição dos indivíduos da oposição (ORTEGA, 2017, p.40).

⁵Afrontar o poder e denunciar as mazelas da sociedade (2000, p.17, tradução nossa).

As revoltas populares contra o clero se acentuavam nos últimos anos da década de 1860. Depois de três guerras civis⁶, que minaram a Espanha economicamente, moralmente e socialmente, ocorre uma revolução do proletariado e da burguesia liberal contra o regime da rainha Isabel II (ORTEGA, 2017, p.40). Esse acontecimento histórico, também denominado *La Gloriosa*, inaugura a Primeira República Espanhola e a abertura da pátria rumo ao progresso. Nesse cenário, as tendências filosóficas e sociológicas⁷ no estrangeiro entram no país, dando início assim à reforma intelectual e industrial. Esse episódio, junto com o *desastre de 98*, marcaria um antes e um depois dentro do pensamento espanhol, pois a partir dele surgem grupamentos de intelectuais aliados às classes subalternas, que registram os acontecimentos dos levantes populares e aportam o arcabouço teórico que legitima a luta dos oprimidos: eis os intelectuais orgânicos.

Miguel de Unamuno, um intelectual orgânico

Para Antonio Gramsci, “[...] todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais” (2000, p.18), ou seja, todos os homens são intelectuais, mas nem todos destinam seu intelecto e crédito político à melhoria de vida das classes subordinadas. Aos que obviam o sistema de classes ou ajudam manter a estrutura idealizada pela elite, Gramsci intitula-os de intelectuais clássicos ou intelectuais orgânicos à burguesia. Já os orgânicos ao proletariado são os que devem

organizar as classes subalternas para o processo de luta pela libertação das condições de exploradas economicamente e dirigidas ético-politicamente, o que exigiria a construção de um novo bloco histórico, orientado pelos interesses e pelas necessidades das classes dominadas e dirigidas. (MARTINS, 2011, p.139).

Se nos deixarmos levar pela distinção gramsciniana de intelectuais, Miguel de Unamuno caberia naquilo que o filósofo italiano intitula de intelectual orgânico ao proletariado. Ele é um dos primeiros intelectuais espanhóis que misturam uma intensa prática intelectual e política, e por isso é muito difícil pensar em Unamuno e não construir uma visão que

no contemple su activismo político. La política es vivida como una irrevocable responsabilidad moral y es en su visión y acción políticas como asume el pasado, despliega su pensamiento en el presente y encara un futuro en el que espera que España salga por fin de su marasmo. (DÍAZ-RINCÓN, 2017, p.138-139)⁸.

⁶ Referimo-nos às três guerras carlistas.

⁷ Positivismo e naturalismo, principalmente. Espanha adotara no campo da educação, também, o krausismo.

⁸ Não contemple seu ativismo político. A política é vivida como uma responsabilidade moral irrevocável e é em sua visão e ação política como assume o passado, abarca seu pensamento no presente e encara um futuro em o que espera que a Espanha saia por fim do seu marasmo. (DÍAZ-RINCÓN, 2017, p.138-139, tradução nossa).

Essa preocupação política inicia quando volta a casa, em Bilbao, após findar o curso universitário em filosofia e letras na *Universidad Complutense* de Madri, em 1883. Enquanto se prepara para distintos concursos na área da educação, Don Miguel se depara com textos de Marx, Lasalle e Proudhon, os quais despertam sua curiosidade (RABATÉ, 1997, p.294-295). Contudo, a adesão ao movimento socialista espanhol só se tornaria efetiva fora de Bilbao, já como professor titular de grego da universidade de Salamanca, a datar de 1886. A partir daí o intelectual escreve para jornais socialistas como *La Democracia*, *Evolución y Revolución* e *El Norte*, e começa a participar de importantes conferências nacionais do movimento de esquerda como *El Derecho y la Fuerza* (DÍAZ-RINCÓN, 2017, p.83).

Em 1890, seu espírito militante se acentua, coincidindo com um protagonismo cada vez mais notório dentro do coletivo. As ideias de Unamuno eram ouvidas pelos integrantes do partido socialista e afins, não tanto pela validade do que o *bilbaíno* expunha, mas pela visibilidade que o socialismo alcançava em território nacional através de suas palavras. Não obstante, com o decorrer dos anos Unamuno se afasta paulatinamente do partidarismo e objetiva um protótipo de socialismo cristão (UNAMUNO, 1966c, p.1021) que não conseguira muitos adeptos.

Da mesma forma, quanto mais o pensador se afasta do socialismo partidário, mais redige textos críticos contra o movimento e seus líderes. Para ele, o problema principal do socialismo espanhol é que este havia deixado de ser uma força espiritual para converter-se numa doutrina racionalista em que o intelectualismo oco era a regra.

Em 1896, Unamuno escreve seu último artigo para a revista marxista *La Lucha de Clases*, e se separa, um ano depois, da agrupação socialista de Bilbao. Ainda assim, admite que a ruptura absoluta com o movimento não o fez deixar de ser socialista, pois se sente mais socialista que nunca. Contudo, também passa a pensar em outras questões como o problema da morte e da religião, o que para a doutrina iniciada por Marx e Engels é irreconciliável (BLANCO-AGUINAGA, 1968, p.24-25).

O espírito socialista acompanhou a Don Miguel durante toda sua trajetória intelectual. Isso é evidenciado na incessante vontade dele de lutar contra a tirania dos mais poderosos, advogando pelo povo intra-histórico, isto é, o segmento da população esquecida pelos jornais, líderes políticos e intelectuais clássicos.

Suas opiniões tornaram-se problemáticas e perigosas, inclusive do ponto de vista jurídico, na medida que o seu julgamento apontava às personalidades mais importantes do seu tempo (PONCELA, 1953, p.43), que não coincidentemente eram as mais autoritárias: Alfonso XIII, Primo de Rivera e MilánAstray.

Unamuno contra os titãs do autoritarismo

Unamuno contra Alfonso XIII

Para entender a luta de Unamuno contra o autoritarismo, é importante situar brevemente o homem responsável pela inserção da ditadura de Primo de Rivera na Espanha: Alfonso XIII; e como a interação conflituosa entre o intelectual e o rei foi decisiva para o posterior exílio do *bilbaíno* em 1924 na ilha de Fuerteventura.

O primeiro “contato” entre ambos surge em 1902, quando Alfonso XIII chega à maioria de idade e, a partir disso, converte-se em rei emérito da Espanha. No 24 de maio desse mesmo ano, Alfonso e parte da corte se destinam à universidade de Salamanca para ouvir o discurso do reitor em honra ao novo monarca. Unamuno, reitor dessa instituição desde 1900, comenta da necessidade de que os poderes públicos, isto é, o Estado, assegure a liberdade da educação; e termina o discurso comentando: “Y reunidos todos bajo labanderadel amor ala grandeza y prosperidad de España, busquemos nuestro mejor auxilio en el desarrollo de la ciencia, árbitro supremo, en paz y en guerra, de la prosperidad de los pueblos” (UNAMUNO, 1966a, p.79)⁹. Não obstante, a petição de Don Miguel não foi levada em conta pelo rei nos anos vindouros.

Segundo Victor Ouimette (2013, p.25), depois da I Guerra mundial o regime monárquico aprofundou a nação num caos e desgoverno que acelerou uma estagnação econômica já em recesso há décadas. Alfonso XIII, além de possuir uma ineficiência crônica para governar, escolhia seus conselheiros não pela sua experiência ou destreza política, mas pela docilidade dos mesmos diante das decisões dele.

Surge assim a desconfiança e posterior ruptura para com a monarquia por parte dos liberais e dos intelectuais orgânicos, sendo Miguel de Unamuno o que mais críticas teceu contra a nobreza, principalmente contra Alfonso XIII (OUIMETTE, 2013, p.26). Para o escritor de *Niebla*, o rei comandava por meio do método da corrupção. Todavia, era da opinião de que as mentiras, a degradação moral do monarca e da elite e um desinteresse total pelas necessidades do povo não podiam continuar. Por isso propunha, em primeiro lugar, que os mais injustiçados pelo regime, isto é, o proletariado, acordasse da sua apatia; e, em segundo, que os intelectuais espanhóis perdessem o medo de defender as causas nobres, ainda que este posicionamento pudesse causar-lhes conflitos com o poder: “Actualmente em España los intelectuales están aterrados de la causas que defienden. Las causas se les vienen encima y amenazan aplastarlos. Los unos

⁹“E reunidos todos debaixo da bandeira do amor à grandeza e prosperidade da Espanha, procuremos nosso melhor auxílio no desenvolvimento da ciência, juiz supremo, na paz e na guerra, da prosperidade dos povos” (UNAMUNO, 1966a, p.79, tradução nossa).

sienten miedo de la revolución; los otros de la dictadura. Han ido demasiado lejos y el carro les arrastra” (UNAMUNO, 1966d, p.676)¹⁰.

Estas e outras declarações em tons similares lhe causaram a inimizade com os intelectuais mais próximos à nobreza, assim como com o próprio rei. A imagem deste último sofria incessantes golpes desmoralizadores por parte da imprensa nacional e estrangeira, sendo o escritor de Bilbao o mais vigoroso crítico dentre todos os críticos.

Com medo de que se repetisse algum levante popular como o de *La Gloriosa* em 1868, que acabou com o exílio da rainha Isabel II em Paris e a inauguração da I República, Alfonso XIII cedeu de boa vontade a instauração de um governo militar encabeçado pelo general Primo de Rivera, para que este pusesse ordem numa nação cada vez mais ansiosa pela cabeça do monarca.

Unamuno contra Primo de Rivera e o exílio

As críticas a Alfonso XIII facultaram que Unamuno fosse condenado à prisão em 1917¹¹, mas nunca chegaria a pisá-la devido à intermediação de alguns amigos com influência política (DÍAZ-RINCÓN, 2017, p.35). Entretanto, já em 1924, com o ditador Primo de Rivera, nenhuma interferência amistosa conseguira impedir que o intelectual de Bilbao se livrasse do exílio em Fuerteventura¹². Contudo, antes de tratarmos sobre o exílio, vejamos as razões do desencontro de Don Miguel com o ditador.

Na Espanha, sabia-se que o “golpe de Estado” havia sido arquitetado pelo rei, que assim continuava mantendo a riqueza e os lares próprios da realeza, com o benefício de não ter de se preocupar com questões governamentais (OUIMETTE, 2013, p.32).

Unamuno foi cético desde o começo com respeito ao governo de Primo de Rivera. O primeiro “susto” do *bilbaíno* se deu a partir do manifesto de toma de poder do general, cujas primeiras frases dizem o seguinte: “Este movimiento es de hombres: el que no sienta la masculinidad completamente caracterizada, que espere em um rincón, sin perturbar los días buenos que para la patria preparamos. ¡Españoles! ¡Viva España y viva el Rey!” (RIVERA, 1923, n.p. apud GASSET, 1925, p.141)¹³.

A declaração de Primo de Rivera se baseou em algumas ideias que atemorizaram a consciência de Unamuno. Em primeiro lugar, a declaração do ditador remetia constantemente à questão da masculinidade. Este preceito anunciava a superposição da força em detrimento do diálogo, da democracia e da inteligência –

¹⁰“Atualmente na Espanha os intelectuais estão apavorados com as causas que defendem. As causas se jogam em cima deles e ameaçam esmagá-los. Uns sentem medo da revolução; outros, da ditadura. Foram longe demais e o carro lhes arrastra”. (UNAMUNO, 1966d, p.676, tradução nossa).

¹¹ O mesmo decreto de prisão fora emitido a outro intelectual da *Geração de 98*: Ramón del Valle Inclán.

¹² Ilha pertencente à Espanha, situada no arquipélago espanhol ao largo da costa noroeste da África.

¹³“Este movimiento é de homens: o que não sinta a masculinidade completamente caracterizada, que espera em um canto, sem perturbar os dias bons que preparamos para a pátria. Espanhóis! Viva Espanha e viva o Rei!” (RIVERA, 1923, n.p. apud GASSET, 1925, p.141, tradução nossa).

tríade que o escritor defendia naquele momento e defendeu-a durante todo seu périplo existencial. Em segundo lugar, a constante exaltação da figura do rei só podia significar que as demandas e caprichos de Alfonso XIII seguiriam sendo atendidas.

Estes e outros elementos inerentes ao “novo” regime marcariam a pauta dos textos que Unamuno escreveu durante a década de 1920 no quesito político, sendo Primo de Rivera o centro das críticas mais mordazes que até então se lera ao intelectual moderno. Bom exemplo disso são as constantes comparações que ele faz entre o ditador espanhol e o italiano Mussolini.

Segundo Don Miguel, Mussolini era uma figura caricaturesca, autoprojettata na incessante preocupação por dotar a si mesmo de uma aura messiânica, o que não ocultava sua falta de destreza para governar (BORZONI, 2009, p.87). Ainda caracterizado tão negativamente pelo intelectual, numa comparação entre o *Duce* e Rivera, este segundo podia ser, todavia, pior que o italiano:

Mussolini, el “duce”, buena o mala tiene una personalidad política y hasta algo de napoleónico, siquiera en caricatura, pero Primo de Rivera, sobrino de su tío, general de casino y alegre camarada de holgorios, nada tiene de caricatura napoleónico, ni en caricatura. (UNAMUNO, 1924 apud BORZONI, 2009, p.84)¹⁴.

Estas e outras críticas enfureceram o ditador espanhol que, mesmo sendo aconselhado que optasse pela apatia, não conseguia obviar as constantes e sarcásticas palavras de Unamuno contra sua pessoa. Sendo assim, Primo de Rivera também se valeu dos meios de comunicação para difamar a imagem do intelectual: “se trata de unseñorcuya labor ha sido totalmente negativa. Y no con este gobierno, el más modesto de todos, sino con los anteriores. Nunca aplaudió· medida alguna y sí sólo lo criticó todo, pareciéndole malo todo cuanto se hacía” (RIVERA, 1924, p.1)¹⁵.

No final de fevereiro de 1924 foi anunciado publicamente que Miguel de Unamuno deveria partir quanto antes para o desterro em Fuerteventura. Assim fora redigido o decreto oficial:

Ilustrísimo señor: acordado por el Directorio Militar el destierro a Fuerteventura (Canarias) de Don Miguel de Unamuno y Jugo,
Su Majestad el Rey (q. D. g.) se ha servido disponer:
Primero: Que el referido señor cese en los cargos de vicerrector de la Universidad de Salamanca y decano de la Facultad de Filosofía y Letras de la misma; y
Segundo: Que queda suspenso de empleo y sueldo en el de catedrático de dicha universidad.
Lo que traslado a vuestra señoría para su conocimiento y demás efectos. Dios guarde a vuestra señoría muchos años.

¹⁴Mussolino, o “duce”, boa ou má, tem uma personalidade política e até algo de napoleônico, sequer em caricatura, mas Primo de Rivera, sobrinho do seu tio, general de casino e alegre camarada de festas, nada tem de caricatura napoleônica, nem em caricatura. (UNAMUNO, 1924 apud BORZONI, 2009, p.84, tradução nossa).

¹⁵“Trata-se de um senhor cuja labor foi totalmente negativa. E não com este governo, o mais modesto de todo, mas com os anteriores. Nunca aplaudiu medida alguma e somente criticou tudo, parecendo-lhe mal tudo quanto se fazia” (RIVERA, 1924, p.1, tradução nossa).

Madrid, 20 de febrero de 1924
El subsecretario encargado del Ministerio, Leániz.
Señor ordenador de pagos por obligación de este Ministerio
(RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.455)¹⁶.

O exílio de Unamuno surpreendeu à maioria das pessoas que acompanhavam o conflito entre o professor e o ditador. Até os opositores mais ferrenhos de Don Miguel se surpreenderam com a decisão de Primo de Rivera, uma vez que o intelectual poderia usar este acontecimento para fortalecer sua imagem tanto no território nacional como estrangeiro. Ou seja, Unamuno tinha, agora mais que nunca, a possibilidade de empregar um ato de Rivera para assinalar com mais veemência ainda o quão pouco democrático, infantil e inepto para governar era o militar.

Já em Fuerteventura, Unamuno centrou seus textos “de forma casi maniática en Primo de Rivera, Alfonso XIII y Martínez Anido” (BORZONI, 2009, p.73)¹⁷, ao mesmo tempo que fortaleceu sua imagem se declarando mártir da ditadura. Da mesma forma, o eco crítico unamuniano atravessou as fronteiras ibéricas e posou-se no mundo, principalmente na América Latina e países da Europa ocidental como França e Itália (BORZONI, 2009, p.101).

Nesses poucos meses na ilha, Don Miguel se afastou da prosa ficcional e centrou-se na produção de artigos de opinião política e poesia. Ainda que ele se caracterizara por ser um escritor de estilo criticamente viperino, os artigos escritos em Fuerteventura o foram ainda mais. Da mesma maneira que os artigos, a lírica, que até o desterro se definiam pela apologia aos encantos de *Castilla* (PONCELA, 1953, p.62), preencheram-se de dois fatores inéditos – a ira e o lamento:

Los escritos en Fuerteventura tienen dos caras: una de la ira y el quebranto que le causaba la situación de España bajo una dictadura, ira justificada también pero el daño personal de su destierro; otra, el endulzamiento y en cierto modo la cura que le producía la Isla y la profunda penetración meditativa de su cielo y su mar. (ALONSO, 1982, p.9)¹⁸.

Enquanto Miguel de Unamuno sofria no desterro¹⁹, a sociedade espanhola pressionava o ditador para que permitisse o intelectual retornar à península. Depois de alguns meses de insistência pública, chegou-lhe

¹⁶Ilustríssimo senhor: decidido pelo Diretório Militar o desterro a Fuerteventura (Canárias) de Dom Miguel de Unamuno y Jugo;/ Sua Majestade o Rei (q. D. g.) há de se dispor:/ Primeiro: Que o referido senhor cesse nos cargos de vice-reitor da Universidade de Salamanca e decano da Faculdade de Filosofia e Letras da mesma; y/ Segundo: Que fique suspenso de emprego e salário na posição de catedrático da referida universidade./ O que traslado a vossa senhoria para seu conhecimento e demais efeitos. Deus guarde a vossa senhoria muitos anos./ Madri, 20 de fevereiro de 1924/ O subsecretário encarregado do Ministério, Leániz./ Senhor organizador de pagos por obrigação deste Ministério (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.455, tradução nossa).

¹⁷“De forma quase maníaca em Primo de Rivera, Alfonso XIII e Martínez Anido” (BORZONI, 2009, p.73, tradução nossa).

¹⁸Os escritos em Fuerteventura têm duas caras: uma da ira e o lamento que lhe causava a situação da Espanha sob uma ditadura, ira justificada também pelo dano pessoal do seu desterro; outra, o adoçamento e em certo modo a cura que lhe produzia a Ilha e a profunda penetração meditativa do seu céu e seu mar. (ALONSO, 1982, p.9, tradução nossa).

¹⁹ Os sofrimentos de Unamuno, assim como o tédio e a raiva, são expostos brilhantemente no filme *La isladelviento*(2015). O longa é dirigido e roteirizado por Manuel Menchón.

o indulto a Don Miguel, mas surpreendentemente este o recusa, alegando que só voltaria após a destituição de Primo de Rivera. Sobre isso fala em um dos seus muitos poemas escritos na ilha:

Los que clamáis “¡indulto!” id a la porra
que a vuestra triste España no me amoldo;
arde del Santo Oficio aún el rescoldo
y de leña la envidia la atiborra (UNAMUNO, 1999, p.17)²⁰.

Poucos meses depois de chegar em Fuerteventura, o intelectual consegue sair dela por meio de um barco clandestino obtido por amigos próximos, cujo destino foi França. Lá viveu até 1930, ano em que Primo de Rivera se autodemite, exilia-se em Paris e permite, assim, o surgimento da II República Espanhola. Don Miguel chega à península como herói, como grande figura dos valores orgânicos do governo democrático recém instaurado. Contudo, a satisfação do escritor de *San Manuel Bueno, Mártir* para com a República não se estenderia durante muito tempo.

Pela atitude vingativa e violenta, Unamuno desencantou-se rapidamente com esquerda espanhola, chamando-a inclusive de República monárquica, republicanismo ortodoxo, religião de Estado ou fascistas de esquerda (UNAMUNO, 1966e, p.1106). Por essa razão, quando as tropas militares comandadas por Francisco Franco saíram do norte de Marrocos para reorganizar a pátria, isto é, propiciar um novo golpe de Estado, Don Miguel apoiou a rebelião dos *Sublevados*.

Não obstante, ao envolver-se timidamente com os fascistas, logo vislumbra Unamuno que os militares eram ainda mais corruptos e perigosos para o progresso espiritual da nação que os republicanos, e por isso nos seus últimos anos de vida desprende sua irascibilidade para com o franquismo (PONCELA, 1953, p.26), principalmente contra o líder da *Legión* e mão direita de Franco: Millán Astray.

A última contenda: Unamuno contra Millán Astray

A inimizade entre Millán Astray e Unamuno é um dos episódios mais conhecidos da história moderna espanhola. Ainda assim, apesar de que o foco da historiografia esteja direcionado ao conhecido evento do 12 de outubro de 1936, os primeiros textos de Unamuno sobre o líder da *Legión* começam uma década antes.

José Millán-Astray (1879-1954) fazia parte de uma ordem militar intitulada *El Tercio*, que congregava os *Legionarios* (pertencentes à *Legión*), as unidades carlistas e a *Legião portuguesa*. A *Legión*, cujo “arquiteto”, ideólogo e líder foi Astray, estava formada, principalmente, por ex-presidiários recrutados para formar parte do grupo, e voluntários que, atraídos pela propaganda mística que envolvia o bando,

²⁰Os que clamais “indulto”, lasquem-se/ que a vossa triste Espanha não me amoldo/ arde do Santo Oficio ainda a brasa/ e da lenha a inveja que atulha (UNAMUNO, 1999, p.17, tradução nossa).

integravam-se a ele na intenção de fazer parte de uma ordem de seres escolhidos por Deus, em missões heroicas pelas quais seriam lembrados pela eternidade (BORZONI, 2009, p.91).

O efeito transcendental que a *Legión* possuía aos olhos dos espanhóis foi conseguido devido ao forte investimento que Millán Astray fez no quesito propagandístico. Este tipo de estratégia seguia os mesmos padrões do exército de Mussolini, cuja figura, segundo Unamuno, tentou ser copiada pelo *legionario*: “El señor Millán, el del Tercio [...] el aspirante a Mussolini español. [...] nuestro candidato a Mussolini del jefe supremo de los ejércitos de mar y de tierra. [...] Nuestro Mussolini en ciernes de disciplina...” (UNAMUNO, 1922 *apud* URRUTIA, 1997, p.221)²¹.

Unamuno era da opinião de que os jovens estavam sendo enganados pelo general Astray, que usava os recursos cinematográficos ou pedagogia cinematográfica – como Don Miguel preferia denominar à sétima arte (BORZONI, 2009, p.91) –, para atrair as novas gerações a uma guerra sem sentido, a de Marrocos.

Todavia mencionava que a *Legión* não era um exército em si, com pautas pragmáticas e ao serviço do bem da pátria, mas uma milícia que cuidava dos interesses particulares de um fascista orgulhoso como Millán Astray, que, por sua vez, mentia ao afirmar que suas causas políticas e militares se destinavam exclusivamente às necessidades da coroa e de Deus (URRUTIA, 1997, p.221).

Ainda que não haja nenhuma evidência de resposta por parte de Astray às críticas de Unamuno à *Legión*, ao *Tercio*, a ele ou às guerras em Marrocos na década de 20, na de 30 é possível ver algumas referências do ódio do general aos intelectuais a partir, principalmente, da revolução dos *sulevados*. Para Astray, os intelectuais tinham a culpa da alienação do povo espanhol: “los malditos y mil veces malditos intelectuales, que teniendo cultura, medios bastantes, envenenaron a nuestras masas y lãs hicieron creer que la felicidad estaba en el crimen” (ASTRAY *apud* RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.675)²².

Não obstante, o duelo entre Don Miguel e Millán Astray chegaria ao seu ápice no 12 de outubro desse mesmo ano, no auditório principal da Universidade de Salamanca, onde se encontravam personalidades tão distinguidas como a esposa de Franco, Carmen Polo, o padre Guillermo Fraile e o líder da *Legión* Millán Astray, os quais se reúnem para comemorar *El día de la raza* (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.683). *El día de la raza* ou *Fiesta de la raza* é uma data na qual se pretende lembrar a chegada de Colombo à América do Sul. Contudo, para os setores extremos da direita espanhola, *La fiesta de la raza* proclama a supremacia da “raça” espanhola em detrimento da “raça” colonizada, ou seja, a “raça” latino-americana.

No auditório da instituição da qual Unamuno era reitor, o discurso de Francisco Maldonado de Guevara – um dos professores da universidade – deixou-o nervoso devido às incessantes críticas que o

²¹“O senhor Millán, o do *Tercio* [...] o aspirante a Mussolini espanhol [...] nosso candidato a Mussolini do chefe supremo dos exércitos de mar e terra. [...] Nosso Mussolini no início da disciplina...” (UNAMUNO, 1922 *apud* URRUTIA, 1997, p.221, tradução nossa).

²²“Os malditos e mil vezes malditos intelectuais, que tendo cultura, meios bastantes, envenenaram nossas massas e as fizeram crer que a felicidade estava no crime” (ASTRAY *apud* RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.675).

orador remete contra a Catalunha e o País Basco. Como *bilbaíno* convicto, Don Miguel não consegue se manter apático diante das acusações do catedrático, pelo que depois dos aplausos da plateia, ele, que não tinha pensado discursar nesse dia, levantou-se e declarou sua oposição ao *Día de laraza*, às palavras dos oradores e à própria guerra civil:

Se ha hablado de guerra internacional en defensa de la civilización cristiana occidental; una civilización que yo mismo he defendido otras veces. Pero la de hoy es solo una guerra incivil. No la guerra civil que de niño viví con el bombardeo de mi Bilbao, una guerra doméstica. Conquistar no es convertir. Vencer no es convencer y no puede convencer el odio que no deja lugar para la compasión; no puede convencer el odio a la inteligencia que es crítica y diferenciadora, inquisitiva y no de inquisición (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p. 684–685)²³.

Entre os gritos de um público cada vez mais enervado, a voz do general Millán Astray se destaca entre as outras, pois grita: “¿puedo hablar, puedo hablar?” (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.685)²⁴. Entretanto, Unamuno não presta atenção ao clima hostil e consegue terminar seu discurso dizendo o seguinte:

Dejaré de lado la ofensa personal que supone en un discurso la explosión contra vascos y catalanes, llamándoles la anti-España; pues con la misma razón pueden ellos decir otro tanto. Y aquí está el señor obispo que, lo quiera o no, es catalán, nacido en Barcelona, para enseñaros la doctrina cristiana que ignoráis. Y yo, un vasco, llevo toda la vida enseñándoos la lengua española que muchos desconocen. España es un manicomio suelto. Bolchevismo y fascismo son las dos formas – cóncava y convexa – de una misma y sola enfermedad colectiva. Hoy no celebramos una Fiesta étnica, celebramos el día de la lengua, eso sí es Imperio, el de la lengua española, hablada por Rizal, tan español como sus verdugos; vencido, sí; convertido, acaso; pero convencido, no... (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.685)²⁵.

O palestrante tenta continuar sua fala, mas entre os gritos ensurdecedores e a postura combativa de alguns militares que se levantam dos seus assentos para, provavelmente, agredir fisicamente a Don Miguel, não lhe resta outra opção senão a de se deixar guiar por Carmen Polo²⁶, que, situando-se ao lado deste para

²³Falou-se de guerra internacional em defesa da civilização cristã ocidental; uma civilização que eu mesmo defendi outras vezes. Porém a de hoje é só uma guerra incivil. Não a guerra civil que vivenciei quando criança com o bombardeio da minha Bilbao, uma guerra doméstica. Conquistar não é converter. Vencer não é convencer e não pode convencer o ódio que não deixa lugar para a compaixão; não pode convencer o ódio à inteligência que é crítica e diferenciadora, inquisitiva e não de inquisição (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.684-685, tradução nossa).

²⁴ Posso falar, posso falar? (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.685, tradução nossa)

²⁵Deixarei de lado a ofensa pessoal que supõe em um discurso a explosão contra bascos e catalães, chamando-lhes a anti-Espanha; pois com a mesma razão podem eles decidir a mesma coisa. E aqui está o senhor bispo que, queira ele ou não, é catalão, nascido em Barcelona, para ensiná-los a doutrina cristã que ignorais. E eu, um basco, levo toda minha vida ensinando-os a língua espanhola que muitos desconhecem. Espanha é um manicômio solto. Bolchevismo e fascismo são as duas formas – côncava e convexa – de uma mesma e só doença coletiva. Hoje não comemoramos uma Festa étnica, comemoramos o dia da língua, isso sim é Império, o da língua espanhola, falada por Rizal, tão espanhol como seus carrascos; vencido, sim; convertido, talvez; mas convencido, não... (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.685, tradução nossa).

²⁶ Carmen Polo era uma grande fã das obras literárias de Unamuno. Por essa razão sempre intercedeu pelo intelectual.

protegê-lo das tentativas de agressão, leva-o a um carro que o transportará à sua casa reitoral. (RABATÉ; RABATÉ, 2010, p.685-686).

Um dia depois desse acontecimento, no 13 de outubro de 1936, Unamuno perde sua titulação de prefeito honorário de Salamanca; no 14 de outubro é destituído da reitoria da Universidade de Salamanca; e no 18 de outubro é decretado sua prisão domiciliar.

Os dias entre as “grades” da sua casa são difíceis, uma vez que os amigos quase não o visitam, temendo que as autoridades fascistas assumam algum tipo de vínculo ideológico com Don Miguel, e, portanto, dificultem suas vidas. Da mesma forma, alguns filhos deixam de escrever-lhe e o tédio o consome física e espiritualmente. Assim o comenta em um dos seus últimos poemas:

Horas de espera, vacías;
se van pasando los días
sin valor,
y va cuajando en mi pecho,
frío, cerrado y deshecho,
el terror.
[...]
Cual sueño de despedida
ver a lo lejos la vida
que pasó,
y entre brumas en el puerto
espera muriendo el muerto
que fui yo.(UNAMUNO, 1966b, p.849-850)²⁷.

No 31 de dezembro de 1936, no princípio da ditadura franquista, Don Miguel morre, sentindo nos últimos anos de vida uma profunda tristeza. Ao falecer, a consternação pela perda de Unamuno foi evidenciada nos meios de comunicação como o perecimento não só do grande intelectual espanhol do seu tempo, mas também do intelectual do povo. Realçando a importância de Don Miguel para a evolução do país, assim se despede, entre a raiva, o carinho e a resignação Ortega y Gasset em um artigo publicado no jornal *La Nación*:

Ha hecho bien. Su trayectoria estaba cumplida. Se ha puesto al frente de doscientos mil españoles y ha emigrado con ellos más allá de todo horizonte. Han muerto en estos meses tantos compatriotas que los supervivientes sentimos como una extraña vergüenza de no habernos muerto también. A algunos nos consuela un poco lo cerca que hemos estado de ejecutar esa sencilla operación de sucumbir. (GASSET, 1983, p.249)²⁸.

²⁷Horas de espera, vazias;/ vão passando-se os dias/ sem valor,/ e vai adentrando no meu peito,/ frio, fechado e desfeito,/ o terror. [...] Qual sonho de despedida/ ver no longe a vida/ que passou,/ e entre as névoas no porto/ espera morrendo o morto/ que fui eu. (UNAMUNO, 1966b, p.849-850, tradução nossa).

²⁸Ele fez bem. Sua trajetória estava cumprida. Guiou duzentos mil espanhóis e emigrou com eles além de todo horizonte. Morreram tantos compatriotas, que os sobreviventes sentimos uma espécie de estranha vergonha de não termos morrido também. Consola a alguns de nós o quão perto estivemos de executar a simples operação de sucumbir. (GASSET, 1983, p.249, tradução nossa).

O adeus público de Gasset exhibe-se após várias décadas de rinhãs no campo do pensamento filosófico e político, pois Ortega e Miguel representaram por décadas orientações intelectuais divergentes. Contudo, as disputas teriam de se interromper para que a escrita e a voz batalhassem a favor da vida, e não da morte à vida – como dizia Millán Astray – como fim da humanidade.

Considerações finais

A paixão e entrega política de Unamuno foram uma constante durante toda sua vida, e se não foi realmente um político no sentido *stricto sensu*, ou seja, no sentido de estar afiliado às causas específicas de um partido político concreto, não deixa de ser verdade que a existência do intelectual foi marcada pelos acontecimentos que transformavam dinamicamente a Espanha e a Europa. Urrutia (1997, p.15), por essa razão, prefere denominá-lo de homem público em lugar de homem político, dado que o homem político orbita próximo a uma ideologia fixa, e o homem público prefere moldar seu comportamento, suas propostas e seu próprio ser de acordo às características únicas que cada situação, independentemente do seu âmbito, exige.

Nesse sentido, como disse Poncela (1953, p.54-55), Don Miguel se permite a contradição como método, alegando que cada ideia individual deve estar ancorada nas circunstâncias em que o eu se depara. E se a circunstância do eu se transforma constantemente, por qual razão o eu não deveria também se transformar?

Por esse motivo os seguidores de Unamuno não conseguiam se manter muito tempo sob a orientação do intelectual. Sua filosofia paradoxal, sua literatura metafísica e seu pensamento político certamente pendular, confundiam àqueles que em procura de um intelectual mais “coerente” e fiel a si mesmo, abandonavam o barco unamuniano.

Entretanto, Unamuno nunca pediu uma horda de fiéis que o acompanhasse ortodoxamente, uma congregação de fãs que seguisse mimeticamente seus passos. Não, o que ele queria, ao nosso ver, era a liberdade suficiente para poder expor seus pensamentos e suas ações, ainda que ninguém concordasse.

Yo propongo y los que me leen disponen. Quiero vivir al aire libre, dar a todo el que me pida, ser pródigo. Me aterra eso de retirarme a mi torre marfilina a pulir, repulir, suñir y limpiar una joya de piedras, finas o falsas. Harto tiempo he estado metiéndome lo de fuera en el alma; ahora tengo que devolverlo. [...] Ahora me busco en la acción, en la acción del pensamiento o en el pensamiento activo. (UNAMUNO, 1991, p.125-127)²⁹.

²⁹Eu proponho e os que me leem dispõem. Quero viver ao ar livre, dar a todo aquele que me peça, ser pródigo. Me aterra isso de me retirar à minha torre de marfim a polir, repolir, esfregar e limpar uma joia de pedras, finas ou falsas. Farto tempo estive metendo em mim o que há fora na minha alma; agora tenho que devolvê-lo [...] Agora me procuro na ação, na ação do pensamento ou no pensamento ativo. (UNAMUNO, 1991, p.125-127, tradução nossa).

Diante do exposto, concluímos que Don Miguel de Unamuno teve uma história de vida marcada por conflitos políticos e ideológicos que, apesar de terem influído negativamente na saúde, nas relações pessoais e na própria liberdade, não o fizeram cessar de desempenhar o papel para o qual acreditou que merecia viver: a do intelectual crítico e orgânico que visa a evolução material, mas principalmente espiritual da sua nação.

Referências

ALONSO, Dámaso. **En Homenaje a Unamuno**. Madrid: Cabildo Insular de Fuerteventura, 1982.

BLANCO AGUINAGA, C. De nuevo: el socialismo de Unamuno. **Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno**, n. 18, 1968, p.5-48.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. C. F. Moisés, A. M, L. Ioratti, M. Macca. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Trad. Carmen C. Varrialle et al. 4. ed. Brasília-DF: Editora da UNB, 1992.

BORZONI, Sandro. **Miguel de Unamuno frente a las ideologías totalitarias en la década de los treinta**. Tese. (Doutorado em cultura alemã, italiana, francesa e portuguesa) – Faculdade de Departamento de Filología Moderna da Universidade de Salamanca, Salamanca, 2009, 510 f.

DÍAZ-RINCÓN, Clara Fernández. **La crítica al cientificismo de Miguel de Unamuno**. Tese. (Doutorado em História da filosofia) – Faculdade de ciências humanas e sociais da *Universidad Pontificia Comillas*, Madri, 2017, f. 304.

GASSET, Eduardo Ortega y. **España encadenada**: La verdad sobre la dictadura. Paris: Juan Durá, 1925.

GASSET, José Ortega y. En la muerte de Unamuno. In: **Obras completas V**. Madrid: Alianza-Revista de Occidente, 1983.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, v. 2 — Antonio Gramsci: os intelectuais. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. Ana Maria Bernardo, José Pereira, Manuel Loureiro, et al. 1ª ed. Lisboa: Texto Editores, 2010.

MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política. **Pro-Posições**, Campinas, v.22, n.3, p.131-148, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000300010>. Acesso em: 19 nov. 2019.

OUIMETTE, Víctor. El destierro de Unamuno y el ataque a la inteligencia. **Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno**, 2013, p. 25-41. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/0210-749X/article/view/9858>. Acesso em: 10 mai. 2020.

ORTEGA, Raquel da Silva. **O Carlismo de Valle-Inclán: A modernidade antimoderna em La Guerra Carlista**. Tese (Doutorado em Estudos Literários Neolatinos) – Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2017, 174 f.

PONCELA, S. Serrano. **El pensamiento de Unamuno**. Pánuco: Breviarios, 1953.

RABATÉ, Colette; RABATÉ, Jean-Claude. **Miguel de Unamuno: Biografía**. 3a ed. Taurus: Madrid, 2010.

RABATÉ, Jean-Claude. Miguel de Unamuno, publicista socialista en la prensa de Salamanca. **Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno**, v. 32, 1997. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/0210-749X/article/view/1643>. Acesso em: 12 jun. 2020.

ROMERO, Márcia. O pensamento de Miguel de Unamuno sobre a Modernidade: europeização, urbanização e progresso. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v.27, n.45, 2020, p.10-32. Disponível em: <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8158/6834>. Acesso em: 29 mai. 2020.

RIVERA, Primo de. Dialogando con Primo de Rivera. In: **El Liberal**. Bilbao, 27 de febrero de 1924.

SERRANO, Carlos. El nacimiento de los intelectuales: algunos replanteamientos. **Ayer**, N° 40, 2000, p. 11-24. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41324996>. Acesso em: 16 ago. 2019.

UNAMUNO, Miguel de. **Epistolario inédito I (1894-1914)**. Ed. de Laureano Robles. Madrid: Espasa Calpe, 1991.

UNAMUNO, Miguel de. Discurso leído en el Palacio de la Biblioteca y Museos Nacionales de Madrid, ante el rey Don Alfonso XIII, en representación de la Universidad de Salamanca, el día 24 de Mayo de 1902. In: **Obras Completas I**. Madrid: Escelicer, 1966a.

UNAMUNO, Miguel de. Cancionero. In: **Obras completas V**. Madrid: Escelicer, 1966b.

UNAMUNO, Miguel de. De Fuerteventura a París. In: **Obras completas V**. Madrid: Fundaciones José Antonio Castro, 1999.

UNAMUNO, Miguel de. Cartas al amigo. In: **Obras completas XI**. Madrid: Escelicer, 1966c.

UNAMUNO, Miguel de. Cuesta abajo. In: **Obras completas XI**. Madrid: Escelicer, 1966d.

UNAMUNO, Miguel de. La sacudida. In: **Obras completas XI**. Madrid: Escelicer, 1966e.

URRUTIA, Manuel María León. **La Evolución del pensamiento político de Unamuno**. Bilbao: Ediciones Universidad de Deusto, 1997.

Recebido em 26/06/20 aceito para publicação em 29/08/20.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 47 – primeiro semestre/2021

ISSN 2317-4021